

LINGUA E REALIDADE

VILEM FLUSSER

Publicuei um livro sob o título deste artigo. Neste "Suplemento Literário" apareceu uma resenha desse livro, escrita pelo sr. Anatol Rosenfeld, e publicada em 6/6/64. Acredito ser de meu dever defender as idéias básicas e fundamentais do meu livro, para que não sejam sufocadas no berço. Quando tiverem penetrado na conversação geral, devo abandoná-las à sua sorte. Que se danem ou salvem, mas os seus primeiros passos precisam de amparo, já que ameaçados de destruição "in nuce" por espíritos impiedosamente lucidos como o do crítico mencionado. O propósito do presente artigo é portanto a exposição dos motivos e das metas do meu trabalho, tendo em vista as críticas às quais foram expostos. O leitor julgará até que ponto são válidas as minhas premissas e teses, e até que ponto falhei na tentativa de alcançar a minha meta.

O primeiro motivo do meu livro era o desafio que nos é lançado pela língua portuguesa. A enorme riqueza de sugestões filosóficas que ela encerra não me parecia ter sido aproveitada. A literatura brasileira de filosofia era, a meu ver, uma literatura alienada da sua própria língua. Tratava-se, do meu ponto de vista de imigrante, de uma literatura de erudição, de uma literatura acadêmica que parasitava obras inglesas, alemãs e francesas. Baseada em traduções (com toda a problemática que traduções envolvem, e da qual tratarei logo), e afixada pela sua erudição e seu academismo, não participava essa literatura, com poucas e notáveis exceções, de uma autêntica conversação com os pensadores que lhe serviam de fontes. Limitava-se à repetição tediosa de idéias alheias, repetição essa vazada em português inautêntico, já que produto de traduções laboriosas. Essa situação me entusiasmava, já que prometia aventuras em terra virgem. Refreei, entretanto, o meu entusiasmo e publiquei um artigo na "Revista Brasileira de Filosofia", em outubro de 1960, sugerindo que alguém mais autorizado empreendesse a primeira viagem de reconhecimento. Não tive resposta e, premido por minha "moral de fazer" (Schaffungsmoral), lancei-me "medias in res lusitanas". Tomei a língua portuguesa como personalidade autêntica, sujeitei-me aos seus mandamentos, e tentei formular pensamentos ditados por ela. Deixei-me arrastar pela beleza dos seus verbos "estar" e "ser", tentei saborear o seu "há" misterioso, procurei desvendar o segredo do seu futuro formado por "haver" e "ir", entreguei-me a ela. Mas procurei nunca perder o contato com a conversação filo-

siderações abandonei essa teoria, e afirmei a identidade entre palavra e conceito, e entre frase e juízo ou pensamento. Consegui não somente uma economia de termos, mas ainda uma saída da prisão wittgensteiniana. O sr. Rosenfeld afirma que "em todo o livro não se encontra nenhuma análise da relação entre palavra e conceito". Que o leitor julgue quem de nós dois está errado.

Mas tentei uma segunda saída da prisão wittgensteiniana. Para Wittgenstein há frases certas, que são redutíveis a zero, e frases erradas, que são mero ruído. Mas Wittgenstein não considera que a língua não é estática, mas um processo em expansão violenta. Novas palavras e novas frases surgem sempre. Que sejam redutíveis a zero, e que o processo da lógica formal as reduza assim, não impede que o processo linguístico, que identifico com o processo do pensamento, seja um processo aventureiro. E pensar não deixa de ser, nem por isto, uma aventura. Assim creio ter quebrado duplamente o círculo vicioso wittgensteiniano. Libertei a língua do "Sachverhalt", tornando-a independente de um significado extralinguístico e que é, segundo Wittgenstein, significado óco; e salientei a dinâmica que propuliona a língua, insistindo no caráter aventureiro da conversação da qual participamos como seres pensantes.

O terceiro motivo do meu livro, intimamente ligado ao segundo, era a profunda impressão e inquietação que me causou a fluidez da realidade. Essa fluidez contrasta com a rigidez dos sistemas ontológicos que a tradição filosófica nos fornece. Para tomar os exemplos que o sr. Rosenfeld oferece: um centauro como ser imaginário, um triângulo matemático como ser ideal e a árvore como ser real: quanta ingenuidade! Com que direito posso afirmar ser um centauro imaginário para um grego do século 9 AC., a não ser com o direito da minha própria superioridade? Com que direito posso afirmar não ser uma árvore um ser imaginário para um ecólogo (o qual somente reconhece a floresta como real), a não ser com o direito da minha própria ignorância? Falarei do triângulo mais tarde. É óbvio que sistemas ontológicos assim não servem. Para serem uteis e válidos, precisam refletir a fluidez da realidade. Precisam permitir que o centauro deixe de ser real, que a árvore esteja se tornando imaginária, e que o triângulo esteja se realizando. O pensamento existencial fornece as armas para a construção de ontologias mais condizentes, embora seja o existencialismo como tal a própria negação da ontologia. Essa construção se torna

ca a crença de que a realidade está nas idéias, isto é, nos conceitos. Mas acabo de abolir os conceitos em favor de palavras. E "solipsismo" significa a crença na minha isolamento incomunicável. Mas acabo de instituir a língua, portanto a própria comunicação, como o campo da realidade. Solipsismo linguístico é portanto contradição em termos. Este juízo que o sr. Rosenfeld faz das minhas teses é prova, a meu ver, da força de preconceitos, ou mais exatamente, da força de palavras petrificadas em conversa fiada, portanto inautênticas e carentes de realidade. A superação precisamente deste tipo de conversa fiada dedico a minha tentativa de construir uma ontologia a partir das camadas da língua, mostrando como está fora de toda realidade um juízo como "idealismo solipsista" no contexto da conversação agora em curso. Nisto, e em considerações similares, reside a utilidade do meu esforço.

O quarto e supremo motivo do meu livro era religioso. Para condensar esse motivo direi que o livro é fruto da minha incapacidade para a reza. O processo linguístico, e portanto o processo do pensamento, é um processo ambivalente. Na camada poética da língua novas palavras e frases são criadas e vertidas sobre a conversação para serem convertidas em prosa. Mas há o processo inverso. Palavras e frases são vertidas, na camada da oração, rumo ao inefável. Desconfio que nisto reside todo o segredo da língua, todo o segredo do pensamento. A língua como um todo, o pensamento como um todo, é, desconfio, uma única oração gigantesca, uma única reza. Mas eu, e milhares como eu, estou preso à correnteza centripeta do processo linguístico, e quanto mais falamos e pensamos, tanto mais nos afastamos daquele silêncio no qual a reza, a prece, desemboca. Tentei uma análise da língua na esperança de abrir caminho para a reza. Nisto falhei redondamente. Aprendi, no curso do meu trabalho, que a prece não pode ser forçada intelectualmente. Mas deixei o livro como está, embora seja, neste sentido, um fracasso, porque creio que serve como demonstração de uma tentativa frustrada. Era portanto impossível para mim seguir o conselho hipotético do sr. Rosenfeld, de "limitar-me, com humildade, ao exame cuidadoso de uma verdade parcial, em vez de pregar logo um mito e arrancar dos meus diversos nadas toda uma mística. Assim — crê o sr. Rosenfeld — escreveria livros solidos e uteis". Sem considerar os conceitos de solidez e, menos ainda, de utilidade, que o sr. Rosenfeld parece conhecer,

sonica geral, e apetei sempre para as três línguas que me são íntimas, ao alemão, ao inglês e ao checo. Em breve, a língua portuguesa era o meu laboratório, e as três outras eram sistemas de controle. A minha meta não era tanto a de criar uma filosofia autêntica em língua portuguesa, mas muito mais a de provocar outros para fazê-lo. Certamente pequei contra o espírito da língua, violentando-a com os meus preconceitos alemães e tchecos. Mas tentei sempre combater esse perigo, do qual estou plenamente consciente. O sr. Rosenfeld não se referiu a este aspecto do meu livro, e será portanto o leitor que julgará os meus pecados. E, o que é mais importante ainda, saberá corrigi-los.

O segundo motivo do meu livro era o desespero no qual a leitura de Wittgenstein me tinha mergulhado. Confesso que sempre senti o fascínio da língua com seu poder revelador do inarticulado. Wittgenstein parece provar de maneira definitiva que a língua gira em círculo fechado. Para ele a língua espelha um "Sachverhalt" (que o sr. Rosenfeld traduz por "contexto objetual" e eu, no meu livro, por "situação"), e esse "Sachverhalt" espelha a língua. Trata-se, com efeito, de dois espelhos pendurados em paredes opostas num quarto vazio. Se um juízo reflete um "Sachverhalt", é certo, mas vazio. Se não o reflete, é um mero ruído. O "Sachverhalt" consiste de conceitos, que são as sombras das palavras, como as palavras são as sombras dos conceitos. A realidade além do "Sachverhalt" é intelectualmente inatingível. "O que não pode ser falado, deve ser calado". Como escapar dessa prisão intolérable, dentro da qual a língua segundo Wittgenstein, nos encerra? Tentei duas saídas. Primeiramente aboli o "Sachverhalt", que me parece não somente superfluo, mas nefasto. Qual é a função do "Sachverhalt"? Permitir traduções. Traduzo "this is a table" por "isto é uma mesa" porque ambos juízos procuram espelhar o mesmo "Sachverhalt". Mas se conseguir elaborar uma teoria de tradução mais simples, poderei eliminar o "Sachverhalt", e foi o que tentei no meu livro. Traduzo "this is a table" por "isto é uma mesa", porque ambos juízos consistem de palavras que ocupam lugar correspondente nas suas respectivas línguas. Toda tradução é portanto somente aproximada, e tanto mais fiel quanto mais semelhantes forem as línguas entre as quais traduzo. Dispensando o "Sachverhalt", consigo uma teoria de tradução mais útil. Mas uma segunda consideração milita contra o "Sachverhalt" wittgensteiniano. As línguas do tipo falado no Ocidente têm uma estrutura "sujeito-objeto-predicado", e essa estrutura é no fundo o "Sachverhalt" wittgensteiniano, porque sujeito e objeto são "coisas" (Sachen) e o predicado é uma relação (Verhaeltnis). Línguas como o chinês têm estruturas diferentes, portanto não podem referir-se a "Sachverhalt". Mas o "Sachverhalt" como uma camada que sustenta apenas línguas de um certo tipo é um conceito ontológico insustentável. Por ambas as ca-

possíveis, se identificarmos língua com realidade. Podemos distinguir na língua camadas nitidas, formalmente diferenciadas, e essas camadas serão as camadas da realidade. Serão camadas de autenticidade. Tentei descobri-las e fiz até, muito contra o meu gosto, um desenho dessas camadas. Designei como inautênticas as camadas da conversa fiada, da "salada-de-palavras" e do balbuciar, e chamei de autênticas as camadas da conversação, da poesia e da oração, sempre insistindo na passagem ininterrupta que frases e palavras sofrem entre camadas. Assim a palavra "triângulo" será autêntica, e portanto real, dentro da camada da conversação geométrica, mas será inautêntica, e portanto irreal, na camada da conversação corriqueira. A palavra "centauro" será autêntica e real na camada mítica da conversação, mas será inautêntica e irreal na camada da zoologia. A palavra "árvore" será autêntica e real na camada da conversação que trata de madeira, mas será inautêntica e irreal na camada da ecologia. Não posso repetir, em pequeno espaço, todo o fio do argumento em prol de uma ontologia da língua a partir de suas camadas. O sr. Rosenfeld diz que a "minha ontologia linguística nivela tudo na famosa noite em que todos os gatos são pardos". Diz que "borro os limites dos vários tipos de ser" e que portanto "as minhas teses não se afiguram fecundas". As poucas considerações que acabo de expor devem mostrar os esforços que fiz para não borrar os limites e de fornecer teses fecundas, embora tendo em mente a fluidez da realidade. É que o sr. Rosenfeld não se penetra do conceito da "realização", que aparece bem no sentido que pretendo na língua inglesa. "Do you realize it?" = "Você compreende?". Algo se realiza, algo se torna real somente dentro do processo linguístico, isto é, quando esse algo é compreendido pelos intelectos em conversação autêntica. É a partir desse fato que, a meu ver, toda ontologia válida e útil deve ser construída.

A isto o sr. Rosenfeld chama de meu "idealismo solipsista" linguístico. Se compreendo bem esses termos, "idealismo" signifi-

cavo dizer que uma imitação como aquela proposta pelo crítico, teria tirado todo o sabor à minha tentativa. Mas aceito o repto da falta de humildade. Basta dizer, entretanto, que o fracasso da minha tentativa religiosa humilhou-me o suficiente para não mais jogar com termos como "mística" e "primitivismo mágico" com a leviandade que me caracterizou no curso do meu livro, e que continua caracterizando o sr. Rosenfeld na sua resenha.

Além dos argumentos contra o fundamento do meu pensamento que acabei de expor, salienta o sr. Rosenfeld alguns pontos subalternos, todos destinados a provar que estou errado. Em alguns destes pontos tem razão o crítico, em outros está enganado. Aceito, por exemplo, a sua autoridade em Kant, embora não tenha explicado em que "deformei totalmente o seu ponto de partida". Dou parcialmente razão à sua etimologia da palavra "dichten", embora isto em nada afete o meu argumento. A frase citada pelo sr. Rosenfeld "vou à montanha por causa do ar puro" para provar que "por causa" pode ter função final, é simplesmente uma frase errada. Significa, se tomada como certa, que vou à montanha impellido pelo ar puro. Que o húngaro e o finlandês mudou do caráter aglutinativo para tornar-se flexional, está marcado no mapa que acompanha o livro. Mas tudo isto, e outras objeções do crítico, são considerações secundárias, se comparadas com o desacordo básico que existe entre nós ambos. Aceitei o desafio que o sr. Rosenfeld me lançou, e publico a minha resposta, porque creio ser o nosso desacordo totalmente intelectual, caracterizando situações nas quais muitos se encontram. Não deixa portanto de ter certo interesse generalizado. Se a resenha do sr. Rosenfeld e a minha resposta provocarem reações em outros, e se o desacordo se generalizar, isto seria, a meu ver, um enriquecimento da conversação, e, neste sentido, uma ampliação da realidade. Neste sentido, repito, sou grato pela crítica que o sr. Rosenfeld me fez, pois o papel do crítico é, em parte, justamente este: propagar pensamentos (isto é: frases), conversação a dentro.